

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Maria Thalita Merighe dos Reis

**YEMANJÁ: UMA LEITURA ARQUETÍPICA DA ORIXÁ E SUA APRESENTAÇÃO  
POR MARIA BETHÂNIA**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).  
Orientador: Arnaldo Erico Huff Junior.

Juiz de Fora

2025

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Maria Thalita Merighe dos Reis**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número **202173041A**, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Yemanjá: uma leitura arquetípica da Orixá em sua apresentação por Maria Bethânia**, desenvolvido durante o período de **Abril de 2025 a Agosto de 2025** sob a orientação de **Arnaldo Erico Huff Junior**, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

**Maria Thalita Merighe dos Reis**

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

## Yemanjá: uma leitura arquetípica da Orixá e sua apresentação por Maria Bethânia

Maria Thalita Merighe dos Reis<sup>[1]</sup>

### RESUMO

As histórias das Orixás e dos Orixás contém elementos que representam as histórias dos povos africanos e suas organizações religiosas, sociais, éticas e morais, além da possibilidade de observar, em termos psicológicos, como as narrativas mitológicas, chamados Itan, podem organizar a psique e serem fundantes para o modo como são conduzidos nossos processos de formação cognitiva e de estar e se relacionar com o mundo. Yemanjá, divindade das tradições religiosas africanas, com qualidades de mulher simbolizando diversos aspectos da construção do feminino no decorrer da história da humanidade, senhora das águas e mãe de todos os Orixás, carrega consigo narrativas responsáveis também pelas formas como o feminino pode ser construído socialmente. Partindo dessa perspectiva múltipla acerca de Yemanjá, este artigo apresentará uma leitura da música *Yemanjá Rainha do Mar*, interpretada por Maria Bethânia e o conceito de *arquetipo* de Carl Gustav Jung. A partir de Jung, veremos como é possível identificar o arquetipo da Grande mãe na divindade africana, como a canção apresenta essa figura arquetípica e como a arte, expressando religiosidades, contribui para a construção de sentidos a respeito do conceito de mulher.

**PALAVRAS-CHAVE:** Yemanjá. Arte. Arquetipo. Mulher.

## INTRODUÇÃO

Com o objetivo de trazer à luz possibilidades de leituras acerca da representação da Orixá Yemanjá em termos psicológicos enquanto figura arquetípica e sua relevância na cultura brasileira - tendo em vista as formas que é apresentada artisticamente e, mais especificamente, no universo musical - este trabalho apresentará uma análise das relações entre a psicologia de Carl Gustav Jung, um dos mitos de Yemanjá e a música *Yemanjá, Rainha do Mar* interpretada por Maria Bethânia.

O estudo das religiões permite compreender como os símbolos e mitos estruturam a experiência humana e moldam também as estruturas sociais. No contexto das religiões afro-brasileiras, Yemanjá emerge como uma divindade central, representando a maternidade, proteção e a força das águas, e com uma presença que influencia a cultura popular, a música, a arte e os conceitos do que é ser mulher.

A psicologia Junguiana, por meio da teoria dos arquétipos, proporciona um olhar simbólico para figuras religiosas como Yemanjá, permitindo que sejam reconhecidas as variadas formas de identificação do feminino na psique coletiva, além do impacto de suas influências nas dinâmicas sociais e culturais.

A música *Yemanjá, Rainha do Mar*, interpretada por Maria Bethânia, uma artista que carrega consigo fortes influências religiosas que são marcas em suas apresentações e em seu repertório, exemplifica a maneira como essa entidade pode ser apresentada de formas múltiplas e como cada uma dessas formas, tendo em vista suas narrativas, podem possibilitar diferentes leituras do feminino.

Através da análise da canção, este trabalho busca explorar a intersecção entre religião, psicologia e arte, para demonstrar como Yemanjá pode ser apresentada e vivenciada nos diversos campos da experiência humana.

## **YEMANJÁ, RAINHA DO MAR**

*Quanto nome tem a Rainha do Mar?*

*Quanto nome tem a Rainha do Mar?*

*Dandalunda, Janaína*

*Marabô, Princesa de Aiocá*

*Inaê, Sereia, Mucunã*

*Maria, Dona Yemanjá*

*Onde ela vive?*

*Onde ela mora?*

*Nas águas*

*Na loca de pedra*

*Num palácio encantado*

*No fundo do mar*

*O que ela gosta?*

*O que ela adora?*

*Perfume*

*Flor, espelho e pente*

*Toda sorte de presente*

*Pra ela se enfeitar*

*Como se saúda a Rainha do Mar?*

*Como se saúda a Rainha do Mar?*

*Alodê, Odofiaba*

*Minha-mãe, Mãe-d'água*

*Odoyá!*

*Alodê, Odofiaba*

*Minha-mãe, Mãe-d'água*

*Odoyá!*

*Qual é seu dia*

*Nossa Senhora?*

*É dia dois de fevereiro*

*Quando na beira da praia*

*Eu vou me abençoar*

*O que ela canta?*

*Por que ela chora?*

*Só canta cantiga bonita*

*Chora quando fica aflita*

*Se você chorar*

*Quem é que já viu a Rainha do Mar?*

*Quem é que já viu a Rainha do Mar?*

*Pescador e marinheiro  
Quem escuta a sereia cantar  
é com o povo que é praiero  
Que dona Yemanjá quer se casar*

Composição: Pedro Amorim/Paulo César Pinheiro.

## **RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS**

As religiões Afro-brasileiras, como o Candomblé e a Umbanda, por exemplo, são expressões espirituais que se formaram a partir do encontro das tradições africanas com o contexto colonial brasileiro, envolvendo também elementos do catolicismo, das culturas indígenas e do espiritismo, no caso da Umbanda. Essas expressões religiosas surgiram como formas de resistência dos povos africanos escravizados, que, mesmo diante da repressão e do racismo, mantiveram vivas suas crenças e práticas.

O desenvolvimento do candomblé, por exemplo, foi marcado, entre outros fatores, pela necessidade por parte dos grupos negros de reelaborarem sua identidade social e religiosa sob as condições adversas da escravidão e posteriormente do desamparo social, tendo como referência as matrizes religiosas de origem africana. (Silva, 2005, p.15).

Conforme descreve Verger (1997), os orixás e as orixás são divindades que atravessaram o oceano e se reconfiguraram no Novo Mundo, mantendo uma profunda conexão com as forças da natureza, os ciclos da vida e os destinos dos humanos e humanas. Nesse sentido, as religiões de raízes africanas também desempenham papéis fundamentais na construção da identidade social e cultural do Brasil. Os terreiros pretendem-se espaços de resistência, educação e cuidado coletivo, onde se preservam memórias ancestrais e se constroem novas formas de pertencimento. Silva (2005) observa que o Candomblé e a Umbanda contribuem para a constituição de uma devoção brasileira que integra elementos diversos, sem perder sua raiz africana.

A observação da religião do ponto de vista da psicologia pode ser compreendida como uma expressão simbólica profunda da psique humana, que oferece sentido, pertencimento e orientação existencial.

## PSICOLOGIA DA RELIGIÃO

Se a psicologia já foi uma alternativa à religião na busca de sentido para a existência humana através também dos estudos de fatos religiosos, a psicologia da religião amplia as análises pretendendo o ser humano, a ser humana, como objeto, ou seja, como expõe Antonio Ávila (2003, p. 15) em *Para conhecer a Psicologia da Religião*: “na qualidade de religioso: suas motivações, seus desejos, suas experiências, suas atitudes etc., expressos em seus comportamentos”. Assim a psicologia da religião trabalha de modo a centralizar a experiência religiosa humana em seus estudos e de que forma essa experiência é responsável por moldar de alguma maneira sua personalidade e, para além de sua personalidade, as dinâmicas entre o microcosmo e o macrocosmo.

Sendo assim, a psicologia da religião tenta, de alguma forma, utilizar essas experiências e referências religiosas para, entre outros objetivos, compreender as dinâmicas psicológicas e as dimensões da personalidade, partindo de estruturas religiosas e ponderando as diferentes experiências religiosas dentro de culturas diversas, além das referências que negam a religiosidade e que também têm forte contribuição para o desenvolvimento existencial humano. A experiência religiosa, ou não religiosa, como algo que concerne à totalidade do indivíduo. Ainda segundo Ávila (2003, p. 15): “Assim, o objeto de estudo da psicologia da religião é tanto a experiência religiosa do homem que se confessa crente como o fenômeno da indiferença religiosa”.

Como a própria Ciência da Religião, a Psicologia da Religião ainda é um campo sendo explorado com o propósito de compreender a natureza humana da perspectiva das construções da psique e do ponto de vista das religiões, traduzindo essa compreensão de maneira a conduzir a caminhos mais esclarecidos tanto no que concerne ao que a humanidade já é, como no que diz respeito ao que está se tornando e das hipóteses do que pode construir enquanto seres individuais e coletivos.

É de seu objeto de estudo o ser humano, a ser humana, na qualidade de religiosos, mas também “colocar entre parênteses a existência de Deus” (Ávila, 2003, p. 17), ou seja: “... é necessário entrar num processo de empatia com o homem que a vivência, o que permite ao psicólogo que estuda esses fenômenos compreender o conteúdo simbólico do qual as expressões são portadoras, a fim de poder entender a vivência que tentam comunicar.” (Ávila, 2003, P. 17)

Entre as hipóteses sobre a estrutura da psique e formas de leituras de seus funcionamentos está a psicologia profunda e a psicologia analítica desenvolvida por Carl Gustav Jung.

## **PSICOLOGIA JUNGUIANA**

Carl Gustav Jung foi um psiquiatra e psicoterapeuta suíço conhecido como o fundador da psicologia analítica. Passou um período de tempo significativo mantendo relações profissionais com S. Freud, que contribuiu com o desenvolvimento de seus estudos, para então seguir com suas próprias elaborações teóricas sobre a estrutura da psique.

Após a formulação da hipótese da existência dos arquétipos, “imagens arcaicas da humanidade, que procedem do inconsciente coletivo e se fazem presentes na consciência dos indivíduos de forma simbólica” (Ávila, 2003, p. 40), dedica parte de sua vida pesquisando a respeito dos símbolos religiosos. No pensamento de Jung, o contato religioso, com aquilo que é considerado sagrado, pode funcionar como um elemento de cura e de maturação do ser humano, humana, por meio do símbolo e da linguagem simbólica de maneira a situá-lo, situá-la, em relação harmônica com suas dimensões mais profundas.

Para Jung, a religião não é a aceitação de determinadas doutrinas, mas fundamentalmente uma experiência a partir da qual podem ser formulados conceitos. A experiência religiosa já não é para ele, como para Freud, uma etapa infantil na vida do homem, mas uma experiência fundamental do numinoso, que o opõe em relação com as dimensões mais íntimas de sua realidade, com o inconsciente coletivo. Não é, tampouco, uma realidade patológica, já que no processo de individuação tem a função de amadurecer e curar. (Ávila, 2003, pg.42)

Jung vai, então, considerar a possibilidade de que, para além do reconhecimento de uma divindade que está fora de nós, a divindade se manifesta dentro de cada indivíduo como um processo de integração com todos os aspectos psicológicos inerentes à psique, um processo que pode ser numinoso. Ademais, ao estabelecer os símbolos religiosos como sendo formas de traduzir os aspectos da psique, transcende as questões institucionais e dogmáticas da religião. É dessa forma, na verdade, que se torna possível o processo de individuação, que diz respeito ao caminho pelo qual uma pessoa se torna um ser inteiro,

reconhecendo e integrando suas partes conscientes e inconscientes, numa jornada de autoconhecimento e realização do self, a autorealização.

## O CONCEITO DE ARQUÉTIPO

O conceito de arquétipo, na psicologia analítica de Jung, refere-se a imagens e padrões universais presentes no inconsciente coletivo, que moldam profundamente a experiência humana. Dentre os arquétipos femininos, destacam-se aqueles que evocam a maternidade, o acolhimento, a sabedoria ancestral e a conexão com a natureza. A figura de Yemanjá, orixá das águas salgadas e mãe de muitos na cosmologia afro-brasileira, pode ser compreendida como uma manifestação arquetípica do feminino primordial. A água, símbolo ancestral de nascimento, transformação e purificação, representa nesse contexto o útero da vida e o fluxo constante da existência. Segundo Mircea Eliade (1999), os elementos da natureza — como a água, a terra e o mar — são vivenciados em muitas tradições como realidades sagradas, expressões do divino no mundo, elemento sagrado por excelência, fonte da vida e meio de purificação, o que aprofunda sua conexão simbólica com a mulher e com divindades como Yemanjá.

Assim, pode-se dizer que a relação entre Yemanjá, a água e a maternidade não são apenas simbólicas, mas aponta para uma percepção mística do feminino como guardião da Vida e da Terra, evocando uma espiritualidade que valoriza o corpo enquanto templo, os ciclos naturais e o sagrado presente na própria natureza. Em suma, Yemanjá no Brasil pode ser entendida como uma representação simbólica do sagrado feminino que está presente nesse inconsciente coletivo, de forma a definir certos padrões acerca da mulher de uma maneira ainda mais profunda e que está relacionado com toda a forma de vida na Terra, além das dinâmicas em sociedade.

O inconsciente coletivo, conceito central desenvolvido por Jung, refere-se a uma camada profunda da psique humana que transcende a experiência individual, sendo compartilhada por toda a humanidade. Diferente do inconsciente pessoal, composto por memórias e vivências particulares, o inconsciente coletivo abriga os arquétipos — essas estruturas primordiais e universais que estruturam nossa percepção, afetividade e imaginação. Segundo Jung, e conforme explica Stein (2006) em *Jung, o mapa da alma*, esses arquétipos são padrões simbólicos herdados, que emergem em mitos, religiões, sonhos e manifestações culturais. Entre esses arquétipos, o feminino, reiterando, ocupa papel central, frequentemente representado por figuras maternas, lunares ou ligadas à água — símbolo de origem, regeneração e mistério, além de aspectos ambivalentes como o

poder destrutivo da natureza. Nessa perspectiva, a imagem da Grande Mãe — arquetípica e sagrada — ao revelar uma antiga e mística ligação entre o feminino e o planeta Terra, resgata a sacralidade da vida e do corpo como partes integradas do cosmos, que é representada por Yemanjá, enquanto figura arquetípica desse arquétipo.

## **A GRANDE MÃE**

O arquétipo da Grande Mãe, conforme Jung (2012), é uma das formas mais potentes do inconsciente coletivo, simbolizando tanto a nutrição e a proteção quanto a destruição e o renascimento. Jung afirma: “A mãe é o símbolo do inconsciente, da origem da vida e do retorno à morte” (JUNG, 2012, p. 82). Yemanjá, que ao chegar de África passou a ser orixá das águas salgadas, é uma dessas representações simbólicas da Grande Mãe. Seu domínio sobre os mares e sua associação à maternidade e à fertilidade refletem o aspecto acolhedor e gerador do feminino sagrado. Como aponta Ávila, “o arquétipo da mãe aparece nas religiões como o símbolo do sagrado fecundo, da terra que gera, acolhe e transforma” (ÁVILA, 2003, p. 87). No mesmo sentido, Stein destaca que “o arquétipo da mãe representa uma das estruturas psíquicas mais poderosas, pois lida com as origens da vida e com os vínculos afetivos mais profundos” (STEIN, 2006, p. 94). A água, como símbolo, reforça essa relação arquetípica com a natureza cíclica e misteriosa da existência que Yemanjá carrega consigo.

Importante ressaltar que o arquétipo da Grande Mãe é essencialmente ambivalente, reunindo em si forças criadoras e destruidoras. Jung afirma: “Ela pode representar tanto a mãe boa quanto a mãe terrível, a natureza que nutre e a que engole” (JUNG, 2012, p. 102). Murray Stein traduz essa perspectiva ao afirmar que o arquétipo da Grande Mãe “personifica o ambiente psíquico e físico que envolve e molda o desenvolvimento humano desde antes do nascimento” (STEIN, 2006, p. 92). Nesse sentido, a figura de Yemanjá expressa esse arquétipo em suas múltiplas facetas. Na cosmologia iorubá e nas religiões afro-brasileiras, como o Candomblé e a Umbanda, Yemanjá é mãe geradora, mas também é mar revolto, senhora de marés que podem acolher ou devastar. Ela representa a sacralidade da natureza e seu poder de destruição e transformação compondo as definições sobre o conceito de mulher que vão se construindo socialmente, partindo da religião e se expressando artisticamente como na música *Yemanjá, rainha do mar*.

## **IEMANJÁ, DANDALUNDA, JANAÍNA, MARABÔ, PRINCESA DE AIOCÁ, INAÊ, SEREIA, MUCUNÃ, MARIA, DONA YEMANJÁ...**

Das terras africanas ao Brasil há variadas histórias sobre Yemanjá, da criação do mundo às relações entre os outros deuses e deusas e com a humanidade. Cada *Ítan* traz sabedoria em sua narrativa, um modo de ensinar sobre valores e suas ações práticas. É de significativa relevância a forma como os mitos apresentam maneiras de ser, estar e se relacionar no mundo, são como traduções dos comportamentos humanos ou até mesmo de como devem ou não ser esses comportamentos. Segundo Campbell (1990, p. 44) “os mitos têm basicamente quatro funções: a mística, que abre o mundo para a dimensão do mistério; a cosmológica, que se ocupa da forma do universo; a sociológica, que dá suporte e valida determinada ordem social; e a pedagógica, que ensina a viver a vida sob qualquer circunstância”.

A despeito de como vão se reconfigurando e ressignificando novos valores com os sincretismos, as religiões de matriz africana se diferem de outras religiões quando aproximam as divindades do ser humano, ser humana, fazendo com que certos ideários se percam nas tantas hipóteses do que é, ou deveria ser, a humanidade. Ao passo que desenvolve novos ideais, surgem também renovadas formas de ver a vida ou de rever a vida por meio de um resgate do ancestral.

Os mitos de Yemanjá são construídos em ambiente familiar, com conflitos e dissoluções próximas das quais as humanas, os humanos, podem experimentar o cotidiano. As orixás e os orixás vivenciam a Terra também. Há nessa tradição o consciente pertencimento à Terra enquanto organismo vivo e constitutivo da natureza humana. São divindades que ensinam a sacralizar a vida como sendo uma grande oportunidade de experienciar e praticar determinados valores, os quais elas também representam e que assumem a conexão com o planeta Terra e o cosmo.

Yemanjá é uma divindade feminina, mas quando essa diferenciação física é transcendida por meio das correntes teóricas da psicologia, da filosofia, das religiões comparadas e dos estudos de gênero é possível entender a divindade Yemanjá como sendo essa figura arquetípica representativa dos valores que lhe são atribuídos tanto para as mulheres, como para os homens. Valores que, inclusive, podem ser questionados e ressignificados sem que se percam os fundamentos das tradições que a divindade pertence.

Assim como apresentada na música composta por *Pedro Amorim* e *Paulo César Pinheiro*, com seus diversos nomes, enquanto mulher, Yemanjá é uma Orixá que lida com

as questões humanas de maneiras diversas, ou seja, é muitas mulheres em uma única figura. Sua complexidade se manifesta não apenas nos diversos domínios que lhe são atribuídos — maternidade, fertilidade, mar, águas doces, fecundidade, família —, mas também nos múltiplos nomes pelos quais é cultuada, que são também denominações de suas *qualidades*, ou seja, as diferentes personalidades de Yemanjá.

No caso da música *Yemanjá, rainha do mar*, por exemplo, os nomes *Yemanjá* e *Iemanjá* dizem respeito apenas a uma diferenciação na grafia, já os nomes *Dandalunda*, *Inaê*, *Marabô*, *Mucunã* são nomes que remetem à divindade, mas são de origens distintas e, sendo assim, definem características variáveis de Yemanjá. Embora todas as denominações portem o conceito comum do arquétipo da Grande Mãe com seus símbolos e significados, cada uma delas pode trazer consigo características específicas que são expressas nos mitos.

No Brasil, especialmente nas casas de Candomblé e Umbanda, ela pode se manifestar como Yemanjá Ogunté, guerreira ligada à luta e à justiça, Yemanjá Assabá, mais idosa e sábia, ou Yemanjá Inaê, jovem e encantadora. Cada nome revela um aspecto ou caminho da divindade, que integra forças tanto de doçura quanto de tempestade — uma mulher que acolhe, mas também impõe limites. Essa multiplicidade aponta para um entendimento arquetípico da divindade que extrapola um único modelo de maternidade, e de ser mulher, e representa diferentes modos de cuidar, gerar, nutrir e transformar.

Entre os muitos mitos sobre Yemanjá compilados por Prandi, um deles narra uma fuga e transformação, revelando sua conexão profunda com as águas e a potência criadora que carrega.

[...]

*Perseguiu-a Orungã.*

*Quando ele estava prestes a apanhá-la,*

*Iemanjá caiu desfalecida*

*e cresceu-lhe desmesuradamente o corpo,*

*como se suas formas se transformassem em vales, montes, serras.*

*De seus seios enormes como duas montanhas nasceram dois rios,*

*que adiante se reuniram numa só lagoa, originando adiante o mar.*

*O ventre descomunal de Iemanjá se rompeu*

*e dele nasceram os orixás:*

*Dadá, deusa dos vegetais,*

*Xangô, deus do trovão,*

*Ogum, deus do ferro e da guerra,*

*Olocum, divindade do mar,*

*Olossá, deusa dos lagos,*

*Oiá, deusa do rio Níger,*

*Oxum, deusa do rio Oxum,*

*Obá, deusa do rio Obá,*

*Ocô, orixá da agricultura,*

*Oxóssi, orixá dos caçadores,*

*Oquê, deus das montanhas,*

*Ajê Xalugá, orixá da saúde,*

*Xapanã, deus da varíola,*

*Orum, o Sol,*

*Oxu, a Lua.*

*E outros e mais outros orixás nasceram*

*do ventre violado de Iemanjá.*

*E por fim nasceu Exu, o mensageiro.*

*Cada filho de Iemanjá tem sua história,*

*cada um tem seus poderes.*

*[221]*

*(PRANDI, 2020, p. 555 - 556).*

Esse mito oferece muitas possibilidades de leitura sobre os campos da existência humana, em que a figura arquetípica de Yemanjá pode atuar. Não apenas explica sua ligação com os rios e mares, mas também reafirma seu poder como matriz geradora de vida

e como princípio originário da existência, sendo a própria fonte das demais divindades. Pode trazer também a importante discussão sociológica sobre as relações de poder e violência existentes entre um feminino e um masculino em desequilíbrio, no que se refere a essas forças em nossa psique e que são externalizadas nos papéis de gênero estabelecidos no decorrer da história da humanidade de formas distintas nas diferentes culturas. A despeito de ser um mito que se constrói na violência cometida contra Yemanjá, sua queda e transformação evocam também um renascimento, um aspecto profundamente arquetípico da Grande Mãe, que dá origem à vida mesmo através da dor e da ruptura. A mitologia de Yemanjá, portanto, articula elementos simbólicos, históricos, culturais, artísticos, espirituais e sociais que permitem a análise da figura feminina em muitos aspectos e sua multiplicidade de nomes reforça sua presença em diferentes narrativas, territórios e dimensões da experiência humana.

## **A RELIGIOSIDADE NA ARTE DE MARIA BETHÂNIA**

Maria Bethânia nasceu em Santo Amaro da Purificação, no Recôncavo Baiano, em 1946, região marcada por uma forte presença de manifestações culturais afro-brasileiras. Segundo o Dossiê elaborado pelo IPHAN (2006, p. 19-24), essa localidade abriga práticas como os Carurus de Cosme e Damião, festas religiosas de candomblé, lavagens como a de Nossa Senhora da Ajuda em Cachoeira e da Purificação em Santo Amaro, além da capoeira e do samba de roda, que também se manifestam nos terreiros. Esse universo cultural cercou a infância da cantora, embora sua formação religiosa tenha sido marcada principalmente pelo catolicismo: estudou em colégio de freiras e participou de coroações na Igreja de Nossa Senhora da Purificação.

Além de ser uma artista que fez parte de uma geração de intérpretes que orientaram suas carreiras no sentido da valorização da cultura brasileira, passando também pela religião, Maria Bethânia é iniciada no Candomblé, ou seja, passou pelo ritual de consagração de seu Orixá. Foi iniciada no Terreiro do Gantois por Mãe Menininha do Gantois em 1981 e é assim que sua vivência religiosa influencia diretamente na construção de seu repertório e em sua performance.

Bethânia, ao subir ao palco, quando interpreta uma música como a de *Yemanjá*, *rainha do mar*, que está em seu disco *Dentro do mar tem rio: Maria Bethânia ao vivo*, revela sua capacidade de incorporar em sua performance o arquétipo da Grande Mãe. Ainda que seja filha de Iansã, expressa de forma fluída, suave, mas firme, como é de sua personalidade também em cima dos palcos, as características de Yemanjá, considerando

que o arquétipo da Grande Mãe é representado em todas as *Yabás*. É bastante perceptível a diferença em suas expressões e interpretações a depender da orixá ou do orixá que Bethânia esteja reverenciando em suas apresentações, o que faz com que seu palco se transforme quase em um terreiro, enquanto evoca também o arquétipo da Grande Mãe com sua capacidade de gerar, transformar e criar, inclusive, artisticamente.

A experiência religiosa afro-brasileira encontra, então, na voz e no corpo de Maria Bethânia, uma forma intensa de expressão artística e espiritual que transborda os limites convencionais entre o sagrado e o profano. Ao levar aos palcos cantos e símbolos do candomblé, Bethânia cria uma atmosfera ritualística que transforma o espaço da performance em um território onde o sagrado se manifesta poeticamente. A artista convoca, com gestos, trajes, cantos e elementos simbólicos, a presença do sagrado feminino afro-brasileiro. A figura dessa *Yabá*, com seus atributos — mãe, senhora das águas, protetora, guerreira e curadora — torna-se uma figura arquetípica profundamente enraizada na psique coletiva. Assim, a performance de Bethânia não apenas evoca a orixá, mas também aciona, por meio da arte, aspectos profundos da psique que dizem respeito ao feminino ancestral e às suas potências. Como lembra Mircea Eliade (1999), o sagrado se manifesta nas coisas do mundo por meio de hierofanias, revelações do divino no cotidiano, e o palco, ao ser tomado por essa força simbólica, se torna também um lugar sacralizado — um espaço liminar entre o visível e o invisível.

Nessa sobreposição de sentidos, a artista reinventa o palco como terreiro e o corpo como templo, possibilitando que o imaginário religioso afro-brasileiro se articule com questões contemporâneas sobre identidade, gênero e pertencimento. Yemanjá, nessa perspectiva, torna-se não apenas uma entidade religiosa, mas um modelo psíquico e cultural de força, acolhimento e sabedoria que contribui para a construção simbólica do que é ser mulher em um contexto marcado por múltiplas ancestralidades.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esse artigo tem a pretensão de abrir caminhos, antes internos, para possíveis reflexões.

A pergunta que o texto faz é: o que é ser mulher? E essa pergunta não se encerra no substantivo, porque ela ainda tem diversos recortes como de gênero, classe, raça, cor, etnia, orientação sexual, etc. Como a religião contribui para a elaboração dessa resposta? Essa é a pergunta que caminha junto com a primeira. Utilizando a lente da psicologia da religião é possível responder, ou ao menos propor uma resposta e este artigo, muito

sucintamente, dado o espaço, expõe como a figura de Yemanjá, apenas uma das Yabás, pode nos oferecer representações plurais da existência feminina e quais os possíveis impactos da elaboração dessas representações.

Clarissa Pinkola Estés, analista junguiana, diz em *Mulheres que correm com os lobos*:

As questões da alma feminina não podem ser tratadas tentando-se esculpi-la de uma forma mais adequada a uma cultura inconsciente, nem é possível dobrá-la até que tenha um formato intelectual mais aceitável para aqueles que alegam ser os únicos detentores do inconsciente. Não. Foi isso que já provocou a transformação de milhões de mulheres, que começaram como forças poderosas e naturais, em párias na sua própria cultura. Na verdade, a meta deve ser a recuperação e o resgate da bela forma psíquica natural da mulher. (Estés, 2014, p.18)

Ao trazer Maria Bethânia como exemplo de uma representação feminina artística, cultural, social, o artigo pretende expor de forma prática como uma mulher pode, enquanto honra sua essência, estar e se apresentar para o mundo de forma sincera, não necessariamente atendendo-se a ideais sociais pautados em fundamentalismos e conservadorismos; além de demonstrar a música como um elemento responsável por expressar os diversos campos da existência humana.

A despeito dos desafios que essa forma psíquica natural da mulher indicada por Estés enfrenta para existir em um mundo com valores machistas - que prejudica inclusive o desenvolvimento psíquico também dos homens -, por meio de uma análise mais aprofundada acerca das possibilidades que Yemanjá, enquanto figura arquetípica, pode representar do feminino é possível desvelar impactos dessa representação no inconsciente coletivo e conseqüentemente nas estruturas político-sociais.

Ademais, há outras expressões arquetípicas e Yemanjá pode representar leituras sobre o feminino também relacionadas à Sábia Anciã, Amante, Rainha, Guerreira, Maga ou Feiticeira, além da Grande Mãe e da Mulher Selvagem, incorporando a multiplicidade e a integração dos aspectos femininos descritos por Jung, simbolizando a totalidade psíquica em constante movimento e em busca da autorrealização.

Resgatar a forma psíquica natural da mulher não é apenas resgatar sua força vital, criativa e autêntica e contribuir para as formas renovadas que vêm emergindo das relações das mulheres com o mundo, mas ainda facilitar e propor o desenvolvimento psíquico

humano, compreender os impactos da opressão das mulheres e a exploração da natureza e entender que derivam de uma mesma lógica patriarcal em desequilíbrio e colonial que dissocia o humano da terra e o masculino do feminino.

Yemanjá pode, além de uma divindade cultuada em rituais, ser um símbolo arquetípico que, ao emergir do inconsciente coletivo, oferece um modelo de conexão com o corpo, com os ciclos da terra e com o sagrado feminino. A grande mãe das águas, símbolo de fertilidade, acolhimento e força ancestral nas tradições afro-brasileiras, expressa em sua vastidão o poder regenerador e intuitivo da psique como um resgate do sagrado feminino, a possibilidade de integração psíquica e uma insurgência político-poética que contribui para a reconstrução simbólica, cultural e subjetiva do que é ser mulher no mundo.

## REFERÊNCIAS

- YEMANJÁ RAINHA DO MAR.** Intérprete: Maria Bethânia. Composição: Pedro Amorim/Paulo César Pinheiro. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2006. Faixa 2 (3:38 min).
- ÁVILA, Antonio. **Para conhecer a psicologia da Religião.** São Paulo, SP. Edições Loyola, 2007.
- JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo.** 8ª edição. Petrópolis -RJ. Editora Vozes, 2012.
- STEIN, M. **Jung, o mapa da alma - uma introdução.** 5ª edição. SP Cultrix. 2006.
- ELÍADE, Mircea. **O sagrado e o profano.** Tradução de Rogério Fernandes. 1.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás.** 15. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- BERKENBROCK, Volney J. **A experiência dos orixás: um estudo sobre a experiência religiosa no candomblé.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- SILVA, Valter Gonçalves da. **Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira.** São Paulo: Selo Negro, 2005.
- BENISTE, José. **Orun Aiyé: o encontro de dois mundos.** 13ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.
- VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás: Deuses lorubás na África e no Novo Mundo.** 5. ed. Salvador: Corrupio, 1997.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem.** Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

---

[1] Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Arnaldo Erico Huff Junior.